

Apresentação

Na década de 1990 houve a popularização da fita de vídeo, o que permitiu uma proliferação das vídeo-locadoras. Foi nelas que aprendi muito sobre o cinema. Ia, com frequência religiosa, pegar filmes para meu pai assistir. Depois de um tempo já ia sem a preocupação de levar os filmes para casa, o interessante era ficar horas e horas discutindo o porquê pegar este ou aquele filme, dando dicas e conversando com o dono da locadora.

Uma das coisas que me chama atenção hoje, era que meu pai deixava eu ver todos os tipos de filmes. Naquela época, lá pelos 10 anos de idade, já via filmes com cenas de violência, assistia a dramas familiares e geracionais, entendia o que era o sexo. Ainda lembro-me da primeira vez que assisti a obra-prima de Francis Ford Coppola, *Apocalypse Now* (1979) em que o ato de assistir a mesma ou não, gerou uma discussão em minha residência. Minha mãe achava violência demais para uma criança, mas meu pai, para sua argumentação, disse: - Vai ser bom pra ele, assim ele pode aprender sobre a loucura, sobre a violência, vai ser um soco no estômago e um salto na percepção de vida que ele tem. Assisti ao filme.

Esse filme e muitos outros fizeram a minha cabeça enquanto adolescente. Lembro-me da vez em que a dona da locadora da esquina de minha casa – Janete – me deu um exemplar do filme *Scarface* (1983), pois era a única pessoa que alugava o mesmo. Já o tinha visto 32 vezes. Neste momento, eu então com 15/16 anos, meu pai deixara de ser meu principal interlocutor. Pela frequência de ver filmes clássicos, meu avô paterno se apresentava enquanto o suporte ideal.

O cinema para mim foi sempre um ato de aprendizado. Os toques que vinham quando eu via os filmes com a minha família eram toques educativos. Quando, por exemplo, existia uma cena em que um dos personagens se drogava, era o pretexto para que, ou meu pai, ou minha mãe salientassem o efeito nocivo das mesmas. Aprendi a ser educado pelo e com o cinema.

O interessante é que nunca fui – ainda sou pouco – fã de ir ao cinema. Prefiro o cinema privado, o cinema de casa. Certamente tal figuração não seria possível se não fosse a proliferação do vídeo, durante a década de 1990, e dos DVD'S durante os anos 2000. Esse último, certamente, popularizou muito o acesso ao cinema, na medida em

que imprimiu certa qualidade de imagem e som aos filmes, dando aos mesmos outro tipo de tratamento. Mais do que isso, o preço que se paga por um filme, certas vezes, é menor que o ingresso de cinema.

Certamente não é o preço que me fez gostar de ver os filmes em minha casa. O ato de poder repetir as cenas e poder ver o filme novamente assim que ele acaba, são partes integrantes desse processo. Somado a isso, o fato de acumular uma verdadeira locadora em casa, dispondo de mais de 200 filmes, me fez perceber, o quão importante é a vivência e a experiência de ver filmes em minha vida.

Por essas e outras experiências cremos que o cinema é, cada vez mais, parte do cotidiano. Tornou-se tão freqüente assistir a um filme que poucas vezes paramos para refletir que esse advento midiático é um meio de comunicação jovem, com cerca de 110 anos. Talvez nenhum outro tipo de mídia tenha produzidos efeitos tão marcantes, e em tão pouco tempo, como o cinema. Quase todas as pessoas, que tem seus pés sob o globo terrestre, têm um momento ou uma etapa de sua vida vinculada ao cinema. Uma decepção amorosa, uma glória, o fardo de uma profissão, um drama familiar. Todos esses contextos fazem parte de uma imensidão infinda de películas cinematográficas voltadas para um público diverso no espaço e no tempo, mas que pode vir a ter um significado parecido, ainda que no Rio de Janeiro e em Nova York.

Isto porque, a mídia que tem o *status* de arte, apresenta visões sobre variados conteúdos, diferentes contextos e pressupõe variadas interpretações. Aprendemos, a partir daí, a aprender com o cinema. Visitamos lugares e países longínquos, percebemos e tentamos entender crenças e costumes que, por terra, seria difícil que chegássemos.

Por isso o cinema, além de cotidiano, é também experiência. Como parte do cotidiano, vivenciamos poesia, retratos sociais devastadores, nos apegamos às vanguardas e, talvez por termos lido os livros, não entendemos algumas das livres adaptações. Traduzimos legendas, vestimos figurinos idênticos, dançamos e choramos com várias trilhas sonoras, revimos obras queridas até perder a conta, montamos uma pilha de lembranças cruéis. Crescemos aos socos e chutes dos filmes de luta e acompanhamos a gradativa velocidade que fez de nosso cotidiano pequenos videoclipes. Desistimos de separar o documentário da ficção, entendemos que nem sempre os filmes tem a estrutura de início, meio e fim. Percebemos a política de pequenos passos, desafiamos a ligação ontológica entre imagem e realidade e experimentamos a fundo a nostalgia pelo que não vivemos e aprendemos a não cansar se cansar com filmes longos, que passaram a ser épicos.

Essas formas de ver os filmes constituem-se em experiências que são acumuladas com o passar dos anos. Experiências que vão se proliferando na medida em que o indivíduo se percebe enquanto parte integrante do cinema, não só pelo seu conhecimento da linguagem, mas também pelo conhecimento dos hábitos cinematográficos.

Esses hábitos vão se aglutinando até que compõem a experiência vivenciada. Essa vivência pressupõe uma pesquisa. Pesquisa essa que é pautada no ato de se filiar a determinado tipo de filme, de usar termos, perspectivas e uma linguagem que é do cinema.

Este ato, somado ao contexto histórico a que o indivíduo pertence, gerará um conceito de cinefilia que seria proveniente da prática de ver filmes e de se apropriar das “palavras” intrínsecas do mundo do cinema, promovendo uma relação muito intensa entre espectador e obra cinematográfica. Voltaremos a esse tópico ao longo de nosso trabalho.

Um dos eixos que norteiam esse trabalho é a concepção de que ver um filme não é somente um momento prazeroso ou relaxante; pode ser também, um momento perturbador e tenso, dependendo do contexto em que isso se dá. Nesse sentido, ver um filme pode significar experimentar emoções inéditas e contraditórias.

O cinema, enquanto objeto de estudo, não se encontra ancorado em nenhuma linha específica. Sendo um produto cultural pode vir a ser estudado por várias disciplinas do conhecimento, cada uma com a sua particularidade. À história, por exemplo, se preocupará em entendê-lo como um documento, testemunho de seu tempo e pertencente a determinado conceito; já a psicologia, se preocupará em entender como as mentes das pessoas podem vir a ser moldadas pela sétima arte; a sociologia e a antropologia buscarão entender os efeitos sociais e os efeitos reflexivos sobre o ser humano provocados pelo mesmo; em suma estudar cinema é um ato interdisciplinar.

O estudo aqui relatado tem como foco principal o aprendizado do cinema. Partimos do princípio que as pessoas aprendem cinema e aprendem com o cinema, a partir das experiências que arte proporciona. Mas, e esta é a principal pergunta deste trabalho, como se dá esse aprendizado? Quais as ferramentas de que o aprendiz lança mão para realizar esse aprendizado? Como constrói e como utiliza essas ferramentas? Essas foram algumas das perguntas que nortearam a composição deste trabalho, entendendo sempre o cinema enquanto um agente que interfere na construção da vida em sociedade em seus vários âmbitos: econômico, social, político, cultural.

Há muitas maneiras de responder a essas perguntas e de entender suas imbricações. Neste trabalho, optamos por fazer uma análise documental de uma agenda/diário construída por um aprendiz de cinema que, ao longo de uma década, registrou sua experiência com o cinema. Trata-se da agenda de cinema de Leandro Konder, um intelectual de esquerda brasileiro que reuniu, nesse documento, elementos que subsidiariam sua formação enquanto cinéfilo.

A escolha dessa agenda/diário foi proporcionada pelo fato dela ter sido entregue por seu organizador ao Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (GRUPEM) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), supondo tratar-se de um material útil para as pesquisas que, então, o grupo vinha desenvolvendo acerca da relação entre espectadores e filmes e dos processos de aprendizagem nela envolvidos. Na ocasião, o professor Leandro apresentou esse diário como um registro de sua primeira aproximação com o cinema como fonte de interesse intelectual.

Tomando como referência esse documento, buscamos compreender o papel que o cinema desempenhou na formação desse intelectual, sobretudo em sua porção política, tendo em vista a sociedade e as questões que envolviam a sétima arte nesse período.

A ideia inicial da pesquisa era tentar entender como o cinema contribuiu na formação político estética de intelectuais brasileiros, filiados ao Partido Comunista Brasileiro, na década de 1950. Tínhamos a intenção de entrevistar alguns integrantes dessa geração de intelectuais para a obtenção de material empírico que viesse a subsidiar o estudo, mas a pesquisa, assim como outras esferas da vida, apresenta surpresas: nossa surpresa – muito boa por sinal – foi o encontro com a agenda/diário de cinema do professor Leandro Konder.

A tarefa de digitalizá-la, para que sobreviva, enquanto documento, ao manuseio em situação de pesquisas e se torne, na melhor acepção da palavra, um bem público foi sendo substituída pela nossa curiosidade em entender seu conteúdo. Em suma, quando a tarefa de digitalizá-la chegou a nossas mãos, percebemos que não deveria ser um trabalho mecânico, deveria, isto sim, ser um estudo detalhado sobre a compreensão que seu organizador tinha sobre o cinema, o que poderia fornecer pistas acerca de como o cinema era percebido pelo grupo social ao qual ele pertencia, no contexto em que a agenda foi produzida. Inicialmente, acreditávamos que a agenda deveria servir como ponto de apoio para elaboração da pesquisa, mas logo se tornou elemento principal, pela riqueza de seu conteúdo e pelas possíveis interpretações e inferências que ela poderia propiciar acerca do problema havíamos nos colocado. Mantivemos a ideia de realizar as

entrevistas, mas, por razões alheias a nossa vontade, apenas um dos intelectuais com os quais fizemos contato se dispôs a concedê-la.

Agendamos entrevistas com alguns dos possíveis interlocutores que se encaixariam no perfil que havíamos traçado para nortear a coleta de material empírico. Apenas duas foram efetivamente realizadas: uma com o Professor Leandro e a outra com o Dr. Miguel Baldez

Tivemos o privilégio de ter como principal interlocutor, na construção desse trabalho, o próprio organizador da agenda/diário, que concedeu várias entrevistas – algumas presenciais e outras ao telefone – que também funcionava como uma espécie de “plantão tira-dúvidas”. Entrevistamos, também, o jurista Miguel Baldez, integrante do movimento cineclubista no período em questão, com a perspectiva de entender como ele percebia a ligação entre o cinema, política e movimento cineclubista.

Essas contribuições foram importantes por terem trazido para a pesquisa o quão interessante é o cotejamento das fontes escritas com as fontes orais. Percebemos que nem sempre a oralidade é a transmissora fiel das ideias dos indivíduos, muitas vezes o tempo modifica o passado de tal forma que nem nós mesmos conseguimos recordá-lo tal como aconteceu.

Ao entrar em contato com a agenda percebemos que difícil interpretá-la e entendê-la. Passamos um bom tempo tentando categorizá-la, enquadrá-la neste ou naquele tipo de perspectiva até que percebemos que não era esse o caminho. Tínhamos que perceber a sua dinâmica interna a sua característica própria sem nos preocuparmos somente com discursos de outrem.

Na nossa concepção isso tornou o trabalho muito mais prazeroso, pois podíamos nos sentir mais a vontade para entender a mensagem que passava aquele objeto e perceber que as fontes falam, como dizem os historiadores. Mas não basta só falar, as fontes têm que ser interpretadas, analisadas de perto. Nesse sentido, as fontes deixam de falar e passam a ser tomadas como subsídio para respondermos às nossas perguntas.

Algumas das perguntas que nos colocávamos no início da pesquisa contribuíram para entender que a agenda poderia ser muito mais do que um ponto de apoio. Seria, isto sim, um ponto de partida para compreendermos como o cinema contribuiu na formação daquele indivíduo em particular, tanto em sua porção pessoal, quanto em sua formação estética, direcionada para o cinema e poderia vir a fornecer indícios para formularmos hipóteses acerca de como se dá essa formação de uma maneira geral.

A História nos ensina que existem muitas formas de se trabalhar com um documento pessoal. Esta espécie de documento representa muito mais do que podemos perceber na medida em que entendemos que escrevê-lo é um ato de aprendizado. É um ato de aprendizado, pois compreende uma ação reflexiva, as pessoas pensam sobre o que escrevem e não se colocam informações nesse documento com vistas ao esquecimento. Existe um propósito e este ficará evidenciado na medida em que construir o documento passa a ser uma tarefa reflexiva, onde estarão evidenciadas as particularidades do indivíduo.

Isso seria um limite a este trabalho não fossem as contribuições da micro-história que percebe o indivíduo enquanto um ser particular, mas representando um extrato de sua época. Ou seja, uma das prerrogativas principais deste trabalho é considerar que o indivíduo pertence e se faz pertencer a determinado período histórico e que, embora não possa representar a totalidade da sociedade, pode apresentar um quadro de como se davam certas transformações sociais, política e culturais de sua época.

Somadas as essas concepções, a teoria sociológica de Norbert Elias, sobretudo aquela relacionada a teoria do *habitus*, levou-nos a entender as imbricações possíveis entre o contínuo hábito de ver filmes e as suas implicações sociais e políticas. A perspectiva apontada pelo autor ajudou-nos a entender como a associação de pessoas em grupos pode vir a ser entendida como uma característica proveniente do cinema, na medida em que a apuração do gosto vai estabelecendo certo círculo comum no aprendizado.

A relevância dada aos estudos midiáticos e a educação fica evidenciada na medida em que as mesmas promovem interações no indivíduo e transformam as suas visões de mundo tendo, por vezes, mais influência sobre os mesmos do que a tríade clássica da sociologia: família, trabalho e escola. Esta última vem sendo depositária, cremos, de uma nova perspectiva sobre o uso da mídia, dando à mesma uma constante participação no processo de construção do saber pedagógico.

Dividimos em três partes a agenda na expectativa de melhor compreender o aprendizado que pode provir da mesma. Uma que compreende a leitura selvagem – ancorada nos trabalhos de Roger Chartier – onde não existe uma intencionalidade, uma escolha definida dos objetos que compõem a análise fílmica; Outra que busca identificar a intencionalidade do autor em promover uma construção do conhecimento através do ato de ver filmes – nesta parte haverá a contribuição teórica de Elias, Robert Stam e Jacques Aumont – que o constitui como um ato de *mimesis*; Outra que busca identificar

as relações da formação de cinéfilo e as suas articulações com a política – baseados, sobretudo, no estudos promovidos por Glauber Rocha.

Será, portanto, através de considerações sociológicas, culturais e a partir da micro-história que procuraremos evidenciar como o aprendizado estético se deu para este intelectual na década de 1950, a partir do estudo de cunho interpretativo-qualitativo da agenda/diário buscando ser uma fonte substancial para o entendimento das relações entre o indivíduo e a acumulação de experiências e saberes através do cinema.